

INTRODUÇÃO

Tenho a sensação que [os romances] formam um contínuo... Tinha a ilusão de que estava a fazer livros muito diferentes uns dos outros e, no entanto, é como se formasse um único livro dividido em capítulos, e cada capítulo fosse um livro por si.¹

A ideia para este número especial da *Santa Barbara Portuguese Studies* dedicado à obra literária de António Lobo Antunes surgiu a propósito da comemoração, em 2019, do quadragésimo aniversário da publicação do seu primeiro romance, *Memória de elefante*. Seria impossível começar doutra forma senão agradecendo o apoio e a amabilidade da revista na pessoa da sua editora Élide Valarini Oliver, que acolheu o projeto e nos concedeu a autonomia para o levar a bom porto, e sem os quais a concretização do projeto não teria sido possível.

Durante quatro décadas, desde 1979, Lobo Antunes publicou trinta e um romances, construindo, página a página, um universo literário em que temáticas, estéticas, lugares e personagens se sobrepõem e se apartam, se ecoam e se iteram, se reencontram e se renovam. Assim sendo, a melhor forma de homenagear esta obra romanesca tão extensa e fértil quanto coesa e multiforme, seria reunir uma diversidade de perspetivas críticas que promovessem novas leituras e abordagens teóricas e que, de alguma forma, divulgassem e renovassem as possibilidades que esta continua a propiciar.

Lançada a proposta, o resultado foi, felizmente, profícuo: a participação de críticos radicados em Portugal, Itália e nos EUA; a intersecção das vozes de investigadores estabelecidos e em início de carreira; panoramas teóricos que tanto abrangem a obra na íntegra como romances e crónicas específicas como, ainda, leituras comparativas; análises de obras de vários períodos e ciclos literários do autor; e, por fim, uma variedade de temas que englobam representações de temporalidades, figurações da morte, apreciações da memória e pós-colonialidade, considerações sobre influências literárias, configurações melancólicas e interpretações sobre vulnerabilidades físico-psíquicas.

O primeiro ensaio, “**Sob o signo de Céline (*Memória de elefante, Os cus de judas, Conhecimento do inferno*)**” de Sérgio Guimarães de Sousa, debruça-se sobre a afamada influência que Louis-Ferdinand Céline dispõe sobre a obra de Lobo Antunes, como o próprio admitiu em diversas instâncias. Guimarães de Sousa concentra-se nos três romances que constituem o ‘ciclo de aprendizagem’ para tecer a sua leitura comparativa com, principalmente, *Voyage au bout de la nuit*. Entre outros aspetos, o ensaio realça as semelhanças tanto da arte e forma de escrever como na

¹ António Lobo Antunes numa entrevista dada a João Paulo Cotrim no *Expresso* em 2004.

mundividência projetada nas obras em apreço, incluindo as tendências autobiográficas e o perfeccionismo da escrita por um lado e, por outro, as figurações das guerras africanas e da psiquiatria.

Em **“Souvenir from Lisbon’: escrita, representação e punctum em António Lobo Antunes,”** Felipe Cammaert demonstra, através de uma análise “indiciária” de uma crónica pouco estudada de Lobo Antunes, como a arte poética do escritor possa ser detetável em textos aparentemente menores, descritivos e ocasionais do autor. Em particular, Cammaert reconhece na crónica “Souvenir from Lisbon” ecos e variações de imagens do célebre conto de Julio Cortázar “La babas del diabo”. Além de ser uma homenagem ao escritor argentino (e um desafio ao conhecimento literário dos seus intérpretes), esta crónica é significativa, segundo Cammaert, como um “lugar de materialização” de questões teóricas inerentes ao ato da escrita antuniana.

A reflexão sobre a dimensão temporal é presente também no ensaio **“A coagulação dos ponteiros: relógios e outras máquinas do tempo na literatura de António Lobo Antunes”** de Vincenzo Russo. Depois de considerações sobre a recorrência do “relógio” na prosa antuniana, com referências à bibliografia passiva já existente sobre esse tema, Russo lê as “máquinas do tempo” de Lobo Antunes recorrendo à categoria de Francesco Orlando de *oggetti desueti*. Russo mostra como o significante obsessivo do relógio (frágil figura simbólica da precariedade da experiência colonial em *O esplendor de Portugal*) se manifesta depois, em textos antunianos mais recentes, como objeto simbólico descartável de absoluta insuficiência para representar um tempo melancólico de perdas e descompassos.

Já em **“António Lobo Antunes: A dança das almas mortas,”** Norberto do Vale Cardoso inicia uma série de quatro artigos que se confrontam com um duns temas mais centrais na obra de Lobo Antunes: a morte. Cardoso concentra-se no romance *A morte de Carlos Gardel* e estrutura a sua análise sob cinco figurações da morte. Entre outras representações da morte, Cardoso destaca a relação íntima e subjetiva com a morte e a guerra; a relação entre a morte da revolução e a ‘desidentificação’ individual dos protagonistas, sendo que, em ambos os casos, se regista uma sensação de incompletude; a concomitância entre a morte e a vida; a dramatização e o ‘humor negro’ da morte; e, por fim, a sua caracterização e personificação.

Outra análise direta sobre a função da morte nos romances antunianos regista-se no artigo de Ana Paula Arnaut: **“A última porta antes da noite (António Lobo Antunes): A insustentável leveza da morte”**. Focando-se no penúltimo romance de Lobo Antunes, Arnaut tece um exame detalhado do romance, repleto de considerações sobre as diversas referências extra e metatextuais imbuídas nesta obra, das quais se destacam a imagem poética de David Mourão-Ferreira e o eco

temático que ressoa desde Béla Bartók. A respeito do tema central, Arnaut assinala uma representação da morte mais ‘íntima’, mais abrangente e cada vez mais inelutável, fazendo com que este romance se insira no ‘ciclo da finitude’ que propusera anteriormente.

De seguida, em **“Uma certa melancolia em *Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?*”**, Bruno Nogueira Sales interpreta o pendor trágico e soturno do romance, frequentemente sublinhado pela morte nas suas diferentes aceções, através da definição de Walter Benjamin da melancolia. Sales destaca as ideias do ‘esvaziamento do mundo de significado’ e da desagregação familiar para contextualizar as vivências trágicas dos protagonistas. De acordo com esta análise, a repressão e enclausuramento estabelecidos durante o Estado Novo são apontados como os fundamentos desse ‘esvaziamento,’ cujas consequências persistiram após a instauração do regime democrático.

A dimensão limiar entre vida e morte é objeto do ensaio de Nicola Gavioli **“Memory Loss, the Animal Gaze, and the Struggle for a Biographical Life in *Para Aquela que Está Sentada no Escuro à Minha Espera* by António Lobo Antunes”**, romance mais diretamente focado nos temas da doença e da vulnerabilidade física e mental. Gavioli afasta-se da procura de uma unidade de significado (interpretar o “significante Alzheimer” como metáfora parece de fato incerto) preferindo focar as estratégias imagéticas antunianas adoptadas para representar uma condição de incomunicabilidade radical.

O volume prossegue com quatro textos dedicados a temas relacionados com a guerra colonial, com a pós-colonialidade e com a memória traumática. António Ladeira aborda a primeira fase romanesca de Lobo Antunes (*Memória de elefante, Os cus de Judas, e Conhecimento do inferno*) para iluminar aspetos contraditórios da representação crítica da virilidade e da coragem masculina em Lobo Antunes. Em **“Diagnóstico e subdiagnóstico: contradições da masculinidade nos primeiros três romances de António Lobo Antunes”**, Ladeira analisa detalhadamente cenas e frases na trilogia inicial de Lobo Antunes que desmoronam o modelo masculino dos tempos de Salazar e que desvendam também a “legitimação” da prepotência masculina que outros momentos da narrativa antuniana implícita e talvez involuntariamente reafirmam.

Roberto Vecchi, em **“Se as vozes não voltam não se escreve este livro’: África, sobrevivências e a monumentalização do nome em *Comissão das Lágrimas* de António Lobo Antunes”**, oferece uma meditação sobre um denso e enigmático romance de 2011 em que o regresso a África é ocasionado pela representação do massacre de 27 de maio 1977. O evento histórico (a atuação sangrenta da assim chamada “comissão das lágrimas”) é obsessiva e difusamente re-evocado

através de vozes distorcidas, interrompidas e caóticas disseminadas no texto. Não se tratando de um romance meramente histórico mas, como sempre em Lobo Antunes, de uma narrativa que problematiza e interroga o significado dos eventos históricos e a possibilidade da sua transmissibilidade, Vecchi dedica a sua análise a aspetos teóricos (de decifração problemática e sugestiva) da poética de Lobo Antunes: o(s) significado(s) “fantasmáticos” do nome “comissão das lágrimas”, a “força da citação” (Butler) que a expressão parece carregar consigo, a questão da “sobrevivência” do evento em restos, materialidades frágeis, disseminadas, e obstinadas em seu potencial de re-memorialização do trauma.

As Naus, o sétimo e o mais alucinatório dos romances de Lobo Antunes, é o foco do ensaio **“Paths of Delirium: Postcolonial Retorno in *As Naus*”** de Rebecca Saldanha. A autora considera as nuances históricas e simbólicas da figura do retorno na cultura portuguesa para depois abordar o romance. Em diálogo com notáveis intérpretes da identidade portuguesa e de suas declinações pós-coloniais (em particular com o trabalho do eminente filósofo Eduardo Lourenço), Saldanha oferece um instigante estudo da categoria do delírio como chave interpretativa do romance.

Em **“Algum mulato tem pai?”: Orfandade e identidade em António Lobo Antunes e Djaimilia Pereira de Almeida**”, Patrícia Martinho-Ferreira fixa as representações das figuras do órfão e do mulato nas obras de António Lobo Antunes e de Djaimilia Pereira de Almeida para refletir sobre questões pós-coloniais. Em particular, nesta leitura comparativa que os romances *O meu nome é legião*, *Caminho como uma casa em chamas* e *Até que as pedras se tornem mais leves que a água* de Lobo Antunes e *Esse cabelo* de Almeida, Martinho-Ferreira destaca as formas diversas em que os personagens destes dois autores ilustram o processo de reconstrução identitária, espelhando, assim, os diferentes desafios e abordagens que estes assumem através das suas próprias descolonizações.

Para fechar este volume, **“The Silent Word: On António Lobo Antunes,”** do crítico e tradutor Jeff Love, estimula a insatisfação crítica e renova a leitura da obra deste autor, através de uma reflexão sobre o potencial teórico implícito nas peculiaridades da linguagem de Lobo Antunes, as nuances do conceito de ‘verdade,’ o significado do ‘silêncio’ e a insuficiência da lógica binária.

Por fim, gostaríamos de agradecer a todos os colaboradores deste projeto pela sua participação e compreensão durante este longo processo. Despedimo-nos com a esperança que esta homenagem à obra de António Lobo Antunes suscite, nos leitores, uma vontade acrescida de explorar o universo antuniano e que daí resulte uma nova vaga de interpretações e expressões críticas e académicas.

Bruno Nogueira Sales e Nicola Gavioli